



centro virtual de  
**divulgação**  
e estudo do  
**espiritismo**

**Entrevista**

**Wilson Garcia**

**Espiritismo e renovação  
sócio-cultural**

Tema: **Espiritismo e renovação sócio-cultural**

Entrevistado: **Wilson Garcia**

Período: **março de 2002**

Nota: O conteúdo das respostas é de inteira responsabilidade do autor, cabendo ao CVDEE o papel de divulgação e incentivo ao estudo da Doutrina Espírita.

**#001 - Gostaria de saber como os centros espíritas podem trabalhar os problemas sociais, sem cair no assistencialismo, considerando a dificuldade enfrentada por estas agremiações, principalmente no que concerne à escassez de voluntários e de recursos.**

Em primeiro lugar, creio que os centros espíritas devem estabelecer uma escala de prioridade para suas atividades, a partir da constatação de que a cultura espírita deve ocupar o topo dessa escala. Se a escassez de colaboradores é uma tônica, tanto maiores serão as razões para essa priorização, entendendo que o trabalho social pode ser desenvolvido pelos frequentadores, individualmente, nas inúmeras instituições e ONGs que se voltam para isso de uma forma organizada e segura. Além do mais, as atividades assistenciais que por ventura sejam consideradas necessárias ao centro, devem ser vistas como experiências enriquecedoras e de alto grau de responsabilidade, em vista do que a sua adoção sem os devidos cuidados não apenas se torna comprometedor da própria instituição quanto para aqueles que vão ser assistidos. Compartilho a opinião de Herculano Pires, quando chama a atenção os prejuízos advindos desse desejo de praticar o assistencialismo ainda sob o efeito de uma visão religiosa salvacionista, de modo que, diz ele, muitos espíritas mal se estruturam culturalmente na doutrina e já partem para as atividades assistenciais, não realizando bem nem uma coisa nem outra, além de deformarem a visão espírita de mundo, de vida e de espiritualidade. Por outro lado, ao adotarem o assistencialismo, direcionam para ele todos os seus recursos humanos e financeiros, deixando à míngua as atividades culturais, em Espiritismo muito mais importantes porque são elas que darão as bases para um mundo novo.

**#002 - Você acha que temos em nosso meio fundamentalistas espíritas? Onde buscar o equilíbrio?**

Os segmentos sociais compostos por indivíduos que adotam posturas e comportamentos extremistas refletem uma realidade da própria sociedade. Não é possível viver em sociedade sem participar dela e receber os seus reflexos. Os espíritas são, antes de tudo, seres sociais, influenciados pelo sistema político e econômico, profundamente envolvidos e em boa medida frutos da sociedade. Ao reunirem-se sob a denominação espírita, são estimulados ao progresso sob a visão de mundo da doutrina, visão essa tão abrangente e tão complexa que não pode ser assimilada, apreendida, senão na aplicabilidade dos conhecimentos no mundo da vida, portanto, no mundo social, onde cada um de fato cresce e se realiza. O traço comum dos espíritas expressa-se pela adoção das idéias, do pensamento espírita; fora disso, são eles seres sociais comuns, viventes da diversidade, portanto expressando o comportamento comum dos grupos outros aos quais se filiam ou pelos quais são influenciados. Temos, sim, fundamentalistas no meio espírita como os temos nos demais ambientes da sociedade. Há entre nós aqueles que, apesar dos preceitos espíritas, ainda aceitam e estão dispostos a praticar o fundamentalismo na adoção da pena de morte, na extinção de grupos sociais com os quais não se afinam ou acreditam que são nocivos a um mundo de paz etc. Mas há um outro tipo de fundamentalismo ainda mais nocivo e perigoso, porque não se expressa abertamente, não é facilmente visível, ou seja, são espíritas que praticam o fundamentalismo nas instituições, nos centros, no ambiente familiar ou profissional, nas agremiações políticas ou esportivas, enfim. Sob a influência de uma ética utilitarista, onde os fins justificam os meios, acreditam que o diálogo e a ação democrática participativa são perigosos para a paz, para o equilíbrio, de modo que eliminam qualquer possibilidade de sua implantação nos ambientes onde estão estabelecidos em nível de comando. Expressam-se, inclusive, nas atividades mediúnicas, seja em termos de abordagem dos Espíritos comunicantes, controlando-os em suas manifestações verbais e gestuais, seja inibindo os médiuns com regras esdrúxulas, seja, enfim, permitindo da fenomenologia apenas aqueles tipos de mediunidade que entendem boas.

**#003 - Por que, mesmo com os conhecimentos adquiridos através da DE, não há no meio social uma modificação real e palpável de comportamento?**

A sabedoria grega inscreveu pela voz de um dos seus mais ilustres filósofos a afirmação de que a única coisa permanente no mundo é a mudança. O mundo contemporâneo parece acreditar nisso cada vez mais e as próprias partículas atômicas dão mostram de alteração constante de posição, sob o olhar do observador. O espiritismo contempla como uma das razões para a conquista da paz e da felicidade a mudança comportamental a partir de uma alteração de base, a ser realizada ao nível do pensamento. Estamos convivendo com isso no ambiente dos centros e do espaço familiar e onde mais o conhecimento espírita é cultivado e difundido como meio de progresso sócio-humano. Trata-se de uma aposta no ser humano, na sua capacidade de construir o mundo que deseja habitar, a sociedade aperfeiçoada, justa, as instituições capazes de dar suporte político, segurança, o ambiente científico sem niilismo e sem comprometimento com os interesses grupais e econômicos, instrumentalizado o bastante para garantir o progresso e dar origem à tecnologia indispensável à vida e à saúde, ao bem-estar sem diferenciação classista. Apesar disso e embora todos os aspectos positivos dessa visão espírita de mundo, a realidade nos obriga a perceber que as mudanças, sejam de caráter social, geral, seja de caráter individual, que entre nós chamamos Reforma Íntima, não são facilmente alcançadas em termos de tempo. O idealismo nos coloca na contingência de desejar não apenas que o mundo

demonstre concretamente que está progredindo, mas também que os indivíduos comprometidos com as causas nobres nos dêem provas de sua evolução; no entanto, há uma impossibilidade prática nisso uma vez que todo progresso, individual e coletivo, submete-se à criação de condições para solução de problemas complexos, que envolvem o ambiente em que se vive, saúde, habitação, educação, e os processos de relacionamento e interatividade humana. Explica-se assim porque somos impacientes com o próximo em suas dificuldades de viver o ideal e nos tornamos não raras vezes sentinelas de sua vida, vigiando os seus passos e comportamento à espera de cobrar-lhe o compromisso, quando na verdade, tanto quanto ele, estamos todos submetidos às condições de uma sociedade de consumo que não dominamos e sobre a qual temos muito pouca condição de posicionar. A conclusão possível é que o mundo progride mas em condições tais e de certa forma tão lentas que só é possível ter desse progresso uma visibilidade clara depois que as conquistas se firmaram, distanciados do tempo de sua realização.

#004 - De uma maneira distorcida que seja já vem sendo veiculado de forma natural a questão da reencarnação. Qual o motivo, então, de vermos, ao invés de uma renovação sócio-cultural, estamos vivenciando períodos aonde a violência vem sendo maior?

Um pouco da resposta possível a essa questão creio haver adiantado nas questões anteriores. A princípio, não basta a informação como condição para mudança cultural. Conhecer a procedência da reencarnação, sua importância e sua lógica podem levar ou não as pessoas a se aprofundarem no assunto e assumirem as implicações que conduzam à mudança individual e coletiva, reduzindo os índices de violência, mas não será isso algo que possa ser alcançado em tempo e em condições adversas, como as que temos atualmente em nossa sociedade. Se de um lado há esforço por parte de segmentos comprometidos com a importância de uma situação de paz para o ser humano, de outro a própria sociedade está estruturada de forma a privilegiar valores que quase nunca se ligam às reais necessidades humanas, entre os quais os que advém do atendimento ao consumo e os que atendem à competição exacerbadora da personalidade. O conhecimento do Espiritismo se torna um grande fator positivo nessa selva imensa de contradições e diversidade de condições de vida, mas o seu sucesso só poderá ser alcançado se aliarmos a esse conhecimento o esforço da mudança na sociedade, de maneira que o contexto possa favorecer as mudanças. Sem pensarmos em condições sociais favoráveis, não haverá muita esperança para a evolução individual e social.

#005 - Muito se fala e se faz no campo da assistência social, a fim de poder amenizar as desigualdades. No entanto, tais atividades geralmente ofertam o "peixe" pronto, quando seria talvez mais adequado ensinar a pescar. Como você compreende essa área assistencialista que deveria ajudar na renovação, mas, se mata a fome, também contribui para uma manutenção do mesmo estado social?

Vivemos no Espiritismo brasileiro a contradição fundamental do interesse pelas questões sociais, que possibilita a prática da caridade, com o desinteresse muito grande pelas questões culturais. Ainda que a prática da caridade atenda apenas, em muitos casos, uma solução paliativa da consciência ainda presa à idéia ultrapassada de caridade, o movimento espírita como um todo ainda dá mais valor a essa prática do que à disseminação do conhecimento e à criação de condições para que o conhecimento possa de fato ser apreendido e tornar-se ferramenta para o progresso humano e social. Daí porque se dá o peixe, para alívio da consciência, e não se ensina a pescar, porque a consciência ainda não considera o ensinar a pescar tão ou mais necessário que o dar o peixe. Por consequência disso, temos uma situação social que se mantém grave em decorrência de fatores como o desinteresse, a indiferença para com os problemas culturais.

#006 - Onde e de que forma deve ser a atuação dos espíritas para que haja uma renovação junto à sociedade? De que forma se daria essa renovação cultural através do Espiritismo?

A partir do entendimento que o homem não apenas é um ser social, mas que só se concretiza a partir da atuação social. O Espiritismo promove o caminho de volta para o social que as filosofias religiosas dominantes negaram, pois desenvolveram uma consciência para a eleição de um plano de felicidade para além do mundo material, eleição essa que ainda atende a muitos interesses e que domina indivíduos e coletividades, fazendo com que haja pouco interesse em agir socialmente neste mundo. Uma vez que a perspectiva real de felicidade aponta apenas para uma vida futura, os indivíduos assim convencidos deixam de possuir razões suficientes para trabalhar pelo bem comum; concentram-se apenas em seus objetivos individuais de realização. Sob o ponto de vista de que essa realização é impossível se não se estabelecer a partir do aqui e agora, os indivíduos terão maiores e melhores razões para lutar em prol da coletividade, sabendo que é na realidade social que poderá aspirar à sua própria felicidade. A idéia de futuro com o Espiritismo se altera profundamente exatamente porque traz à consideração que esse futuro não é a promessa que se realizará a partir de ações de outros, mas resultará do agir do próprio indivíduo no contexto onde está inserido. Ou todos seremos felizes juntos não ninguém será feliz sozinho. A felicidade egoística, do indivíduo por si e para si, é fragmentária, parcial e volátil; não possui consistência e nem permanência e está muito na razão direta do próprio sistema social, onde as realizações têm que ser adquiridas no mercado de bens de consumo e, portanto, precisam ser compradas diariamente porque senão fazem perder o sentimento de poder e de realização que é prometido em cada aquisição. Como a capacidade de compra e mesmo de satisfação com o produto adquirido é também frágil, porque aquilo que se adquire já vem combinado com a saturação, a felicidade se torna então sem completude e acaba por se mostrar impossível. A idéia de felicidade coletiva se opõe ao egoísmo individual e, portanto, deverá se opor também ao sistema dominante de consumo como idéia central de conquista do prazer. Os espíritas não podem deixar de pensar nisso.

#007 - Como você encara o que Kardec inseriu na 5ª ed. de O Livro dos Médiuns, cap. III, item 35 na renovação

sócio-cultural, ante a terrível reação que os "evangélicos" fazem a esta declaração do codificador por ter excluído o Evangelho das obras básicas do Espiritismo? Gostaria de lembrar que a referida ed. do LM ocorreu em 1868 e a seleta que Kardec fez da Revue Spirite é posterior, até ao livro Gênese, portanto, tida como sendo a 4ª obra básica.

Remontar a essa questão exigiria um esforço de interpretação histórica longo, que entendo desnecessário diante de tudo o que está colocado por Kardec em termos de unidade da filosofia espírita. Houvesse esse aspecto ou não, em nada diminuiria as interpretações que se dão a partir da leitura e do estudo dos livros básicos do Espiritismo, uma vez que está mais ou menos aceite nos dias atuais que o produto de um livro não está naquilo que o autor coloca, mas nos sentidos que se formam a partir da recepção. A questão da recepção, hoje tão considerada nos estudos de Comunicação, é tão interessante que, ao mesmo tempo em que encontramos críticos apontando para possível pouca consideração em Relação ao Evangelho Segundo o Espiritismo, também os encontramos advogando contra o possível excesso de valor atribuído a esse livro. Uma análise criteriosa, no entanto, mostrará que certamente Kardec dava peso relativo a cada fragmento de sua obra, considerando o seu valor como livro isolado e como parte de um todo. Não há porque, entendemos, entrar nessas discussões de maneira ortodoxa, preconceituosa, apenas com a intenção de defender gostos particulares ou interesses difusos.

#008 - Como tratar assuntos de dogmas como casamentos, batismos etc. para os espíritas que insistem nessa necessidade, mesmo sabendo que às vezes eles têm um aspecto apenas social?

O pensamento espírita se sustenta através de uma lógica interna de fundamental importância para a sua apreensão, mas precisa contar com outros fatores para se estabelecer como prática renovadora do social. Muitas vezes, deve-se ao desprezo com que se vê certas realidades culturais a pouca eficiência que se obtém na difusão do pensamento espírita. É preciso pensar em estruturas mentais, em arquétipos culturais e em realidades sociais para entender o que ocorre com aqueles que assumem a condição de espírita na sua realidade social objetiva, no chamado mundo da vida, onde de fato vão produzir sentidos. Assim, acredito que esses e outros temas, conseqüentes do modo como são recebidos por cada indivíduo, só podem ser vistos e tratados de forma aberta, democrática, dialógica, sob a ética do respeito à vontade e decisão de cada um, uma vez que se o Espiritismo conduz à compreensão de que esses ritos sociais são produtos da cultura humana e se encontram sob essa forma na consciência de cada um, também não obriga a que cada um os abandone e adote outro comportamento em relação a eles. Se isso não significa adoção dos ritos e das cerimônias nas atividades cotidianas dos centros e sociedades espíritas, também não implica a sua classificação como ponto de condenação daqueles que os desejam adotar e seguir, seja ou não culminando com sua eliminação do meio onde nos encontramos e reunimos como espíritas.

#009 - O Espírito Emmanuel parece dentre os espíritos que trazem o pensamento das esferas mais altas o mais profético deles. No livro Servidores do Além, lição 1 - Onde o remédio ?, 1ª ed., Ed.IDE, em certo momento afirma: "Todos os pensadores se reúnem para comentar as necessidades dos tempos. Os políticos convocam ministérios e gabinetes, os filósofos aventam teorias novas em sociologia, mas a verdade é que os cataclismos caminham no ar, sem que os poderes humanos consigam determinar-lhe a marcha. Todos os corações sentem que existe algo para acontecer, aguardam angustiados uma novidade nos ares, como se sombrios vaticínios pesassem sobre sua vida de relação e a realidade é que nem os políticos e nem os filósofos, nem os economistas e nem os sociólogos podem dirimir as profecias singulares e dolorosas, impossibilitados de recurso, desconhecendo o remédio necessário à paz coletiva e à prosperidade mundial." No seu entendimento esta "renovação sócio cultural" tem um sentido apocalíptico como diz Emmanuel ou se dará gradualmente? e o Espiritismo dentro deste contexto?

Particularmente, não me alinho àqueles que adotam a interpretação apocalíptica dos textos mediúnicos ou de outros textos, especialmente quando os futuristas se referem a abalos geológicos e os relacionam com a vontade divina. Não conheço o referido artigo atribuído a Emmanuel, mas verifico pelo excerto reproduzido que a referência emanuelina a cataclismos pode ser interpretada de diversas maneiras, como ocorre em obras abertas. Um exercício interpretativo dos acontecimentos sociais, políticos e econômicos da contemporaneidade parece conduzir de fato a "cataclismos" de variadas formas, apontando para conseqüências duras para a coletividade humana, e eles somente não podem ser evitados porque não há vontade real, vontade política, vontade econômica, vontades que possam nortear ações que modifiquem a situação. Em vista da direção tomada por alguém se pode deduzir para onde vai, desde que se mantenha a direção tomada. Outro tanto não ocorrerá se qualquer outro fator vier modificar a direção. Em questões humanas, estamos quase sempre à mercê dos acontecimentos orientados especialmente por aqueles que exercem através do poder o domínio e podem decidir sobre os destinos.

#010 - Qual a sua sugestão sobre "como ensinar ao jovem espírita que ele não precisa fazer o que todo mundo faz (sociedade massificada) e que ele pode ser uma peça fundamental da renovação dos nossos "costumes" sociais?"

Acredito que a resposta está contida na própria formulação da pergunta. Ao descobrirmos que podemos ensinar, tomamos consciência de nós mesmos e de nossa posição enquanto críticos da situação, com os olhos voltados para nossa própria trajetória de vida como melhor farol a orientar ações e direções a seguir. Descobrimos que podemos determinar nossos rumos quando nos opomos à situação dominante, mas entendemos, também, que não conseguimos sozinhos atingir qualquer grande meta, o que nos leva a considerar a importância do fazer social. A questão que se coloca, portanto é: como viver em uma sociedade de consumo sem ser consumista? Como estar atravessado diariamente pelas mensagens sem ser totalmente dominados por elas? A partir da nossa própria experiência de vida, como contribuir para que o potencial de renovação social possa ser mais bem desenvolvido e empregado pela juventude? Agindo duplamente: em termos educacionais, por meio do equilíbrio familiar onde os fundamentos da

consciência se formam, e da ação da escola no desenvolvimento dos potenciais humanos; e em termos sociais, pela compreensão das forças que dominam o cenário e contribuem para o estabelecimento de uma consciência ajustada às condições impostas. Logo se vê que esse modelo interessa não apenas à juventude, mas a todos, aos espíritas em especial, seja em razão das propostas que formulam para si mesmos em termos de renovação, seja pelo compromisso implícito com o desenvolvimento da sociedade humana.

**#011 - Caro confrade Wilson Garcia. Diante de tantas inovações tecnológicas, científicas e culturais, como sensibilizar os companheiros de ideal espírita, que se esquivam a participarem de estudos, congressos, seminários, leituras, por estarem tão presos a hábitos de sedentarismo mental e pensarem em Espiritismo somente em seu aspecto religioso?**

O problema é endêmico. Não há uma só causa nem uma solução única para a questão. Já Herculano Pires apontava para uma das causas ao advertir que a organização do movimento espírita não poderia direcionar-se para o estabelecimento de normas e regras burocráticas, mas para a compreensão de que os espíritas deveriam se reunir para troca de experiências como medida de valorização do saber dos dirigentes e trabalhadores. Esta causa ainda está por ser devidamente considerada, uma vez que se deu prioridade até aqui para eventos que se preocupam mais com o estudo e a adoção de modelos para as atividades variadas, funcionando como desestímulo para o progresso. Por outro lado, as limitações do universo espírita às dimensões físicas dos nossos centros e instituições, comum à maioria e presente também em instituições de grande frequência coletiva, se incumbem de imprimir a falsa noção de que o espiritismo total de que precisamos pode ser encontrado e vivido ali mesmo, sem necessidade da experiência coletiva ampla. Uma vez que não precisamos buscar alhures nenhum acréscimo e que, diferentemente da vida profissional, nosso crescimento aparentemente não implica em sobrevivência física e familiar, nos satisfazemos com o que temos. Há, no fundo, uma clara noção deficiente dos objetivos do espiritismo, o que conduz a um caminho mais próximo das doutrinas religiosas tradicionais, curiosamente as mesmas que o pensamento espírita deveria renovar. Temos, assim, uma dicotomia entre o que precisamos e o que queremos e, mais uma vez, vale lembrar Herculano Pires quando coloca a maior responsabilidade pela situação nos ombros dos dirigentes, afirmando que o povo simples não tem condição de sozinho resolver problemas dessa ordem, cabendo aos dirigentes o ônus do prejuízo.

**#012 - Deve o espírita lutar em todos os órgãos sociais e políticos visando sempre o bem estar do cidadão. Deve exercer cargo público, sem mistura é claro, o Trabalho espírita com o trabalho na política?**

A presença do espírita na sociedade é não só recomendada como necessária e indispensável. Não no sentido explícito de desempenho de uma missão especial, como se tenta afirmar para coloca-lo numa posição privilegiada de indivíduo superior aos demais por causa da sua condição de espírita, mas como condição essencial para seu próprio progresso. É preciso entender que se a religião tradicional pretendeu separar o homem do social oferecendo a salvação como passaporte para a felicidade, o Espiritismo se apresenta como um caminho de volta, um retorno ao social sob a idéia de que vida em sociedade e progresso são indissociáveis. Quando o espírita assume o equívoco de que sua presença em sociedade é um encargo que se dispõe a suportar porque a sociedade lhe é inferior, assume uma pretensiosa e falsa condição que o ajudará a estacionar ante o progresso. Quando, ao contrário, compreende a importância do social, torna-se um ator eficiente na transformação do meio. Mas, é preciso também compreender que ao assumir compromissos nos diversos campos da sociedade, concomitantemente aos compromissos com o meio espírita que são também compromissos sociais, a única separação possível é aquela em que identifica e compreende cada função que exerce, de modo a não confundi-las na transversalidade das ações. No mais, o saber espírita e o saber especializado se unem em uma cultura que o acompanha em qualquer situação, não sendo possível ser espírita e ser indivíduo, sujeito social em situações distintas.

**#013 - Meu amigo, Wilson. No consolador, através da obra de Kardec, podemos ver inúmeras referências a uma ordem universal, que reunirá os homens sob uma única verdade. Tenho pensado muito no assunto, e ultimamente tenho observado a globalização como uma das vertentes desta nova ordem. Será que estou certa ao achar que a globalização é um primeiro passo para nós conseguirmos caminhar para um mundo sem barreiras discriminatórias e territoriais?**

A questão da globalização tem preocupado intensamente os estudiosos nos diversos campos do saber e não há perspectiva de um consenso sobre o assunto no horizonte próximo. De forma geral, pode-se ver a fenômeno da globalização como uma possibilidade de concretização do ideal da fraternidade, que a tecnologia da informação ajudará a se estabelecer, juntamente com os movimentos em defesa da vida e da cidadania. Ocorre, entretanto, que nos termos econômicos e políticos, a globalização se mostra como um aprofundamento das diferenças, aumentando a distância entre pobres e ricos, seja em termos individuais, seja em termos das nações. Neste aspecto, os números são absurdos. A supremacia econômica implica em supremacia política, e ambas contribuem, na prática, para a cristalização crescente da miséria dos países pobres em benefício do bem-estar dos ricos. Lembre-se que os cerca de 360 homens mais ricos do mundo possuem tanto quanto metade da população mundial, ou seja, todo o dinheiro de três bilhões de pessoas juntas equivale ao que possuem apenas 360 bilionários. Podemos ter esperança com a globalização? Sim, mas não podemos nos enganar com os seus termos, nem sonhar fora da realidade objetiva, dos fatos que aí estão.

**#014 - Wilson, Muita paz! Eu e meu namorado temos conversado bastante sobre a riqueza e as desigualdades sociais e surgiram algumas dúvidas apesar de partirmos de sólidos preceitos espíritas, tais como:-(1) a riqueza e a pobreza são provas/expiações para os espíritos;-(2) nos dias atuais para demonstrar seu desapego aos bens materiais (honestamente adquiridos) não precisa o homem ficar nu em praça pública e distribuir seus bens indo residir em favelas;-(3) há nos dias atuais e sempre houve uma grande desigualdade na distribuição das riquezas. Entretanto, nem**

todos podem proprietários, empresários, coronéis, presidentes, governadores uns comandam outras executam. Porém deve haver justiça do mais forte para com o mais fraco e o salário justo deve ser o resultado do trabalho honesto. Isto posto, gostaria de informações sobre a questão: um espírito que participasse ativamente do movimento espírita e socialmente usufruísse riqueza (empréstimos divinos) poderia gozar das benesses oriundas do seu poder aquisitivo ou seja, gastar o seu salário como bem lhe aprouver ou deveria doar todo seu excedente para os pobres?

Se aceitamos a idéia de que a Terra é um mundo de expiação e prova, devemos entender que todas nossas relações humanas e com a natureza se dão em regime de expiação e prova, não somente a riqueza e a pobreza. Entretanto, as noções de prova e de expiação costumam ser confundidas com medidas que impossibilitam totalmente as realizações em nível de felicidade, conduzindo muitas vezes o raciocínio para situações impositivas de comportamentos. Ora, ao mesmo tempo em que a moral cristã coloca o desprendimento dos bens como uma condição boa, observa que se deve cuidar bem dos "talentos", do patrimônio físico ou intelectual. Ou seja, a centralidade da questão não está em ter ou não ter, mas na consciência que modula o agir do ser humano, que define os critérios do emprego dos talentos e a consciência tem uma parte importante que resulta da formação do indivíduo, pois ela também se forma e se desenvolve a partir do exterior. Em síntese, doar sem critério pode ser tão nocivo quanto usar egoisticamente, e em ambos os casos a distância entre o desejo de ser feliz e a felicidade tende a aumentar.

#### #015 - Que relações se pode traçar entre o Espiritismo e o chamado Terceiro Setor?

As obras sociais realizadas tradicionalmente pelos espíritas são aquilo que hoje se denomina Terceiro Setor. Talvez, a maior contribuição que a consciência social apresenta hoje para os espíritas é a do emprego dos recursos com racionalidade, tendo em vista os resultados a obter. Nisso, não há dúvida que estamos todos aprendendo muito. Por outro lado, a noção de solidariedade e de compromisso com o outro estão deixando de ser uma atribuição especial das doutrinas espiritualistas, para se tornar uma necessidade do homem comum, diretamente implicada com a noção de bem-estar social. Já não se admite mais o equilíbrio social sem o comprometimento dos indivíduos e das organizações, que se vêm assim motivados a dividir o tempo entre trabalho, lazer e atividade solidária. O outro lado da questão é que o sistema capitalista conduz as empresas a utilizar o chamado compromisso social para manter e ampliar o lucro, fazendo da ação solidária uma bandeira diferencial de seus produtos, muito pouco comprometida com as ações solidárias e verdadeiramente objetivada a manter-se no mercado através da persuasão do consumidor. Em termos objetivos, são mínimas as empresas que possuem de fato a consciência do compromisso social.

#### #016 - No mundo atual onde os valores morais são cada vez mais postos de lado, onde só se vê corrupção, ganância, sensualidade, erotismo, vícios, como pode o espiritismo mudar a situação?

Em termos objetivos, o mundo atual não é muito diferente do mundo "não atual", ou seja, do mundo antigo. Mudam-se as condições tecnológicas, os saberes se ampliaram, mas a realidade humana permanece com todas as suas velhas necessidades. O espiritismo é mais um instrumento auxiliar das transformações sociais, uma conquista da civilização que, bem utilizado, produzirá resultados ótimos. Cumpre a nós, espíritas, saber fazê-lo.

#### #017 - Como o espiritismo irá contribuir para a renovação sócio cultural, nesta sociedade de hoje com tantos valores invertidos, com a mídia atual deseducando ao invés de formar o cidadão para vida social e cultural saudável?

Considero suficientes para essa pergunta as respostas anteriores.

#### #018 - Tenho observado que todas as Religiões Protestantes, bem como a Igreja Católica, são radicalmente contrárias à Doutrina Espírita. São unânimes em afirmar que o Espiritismo é demoníaco. Isso não atrapalha o trabalho de renovação sócio-cultural promovido pela Doutrina Espírita? Quantas pessoas poderiam se beneficiar de transformadoras mensagens, e, ao invés disso, temem o Espiritismo por ter obtido informações tão terríveis a seu respeito?

Allan Kardec entendia que o espiritismo seria um poderoso auxiliar das religiões, pois oferecia a elas noções mais amplas e seguras da vida, mas as religiões não entenderam assim, pois entenderam que o espiritismo é para elas uma ameaça permanente. Os setores mais ortodoxos dessas religiões permanecem com essa visão e se sentem comprometidos em combater o perigo que supostamente lhes ronda, para proteger os seus fiéis. Por outro lado, os neopentecostais, especialmente aqueles que seguem a linha do bispo Edir Macedo, entendem que estamos numa guerra e guerra não permite pensar em ética. Assim, justificam seus combates às doutrinas que consideram perniciosas aos seus fiéis, entre as quais está o espiritismo. Agora, são esses que ameaçam o espiritismo com a supressão da liberdade, em nome de uma ideologia sectária. Não temos de entrar nessa guerra, mas também não podemos ficar de braços cruzados, em atitude passiva, pois a ameaça à liberdade de qualquer cidadão é mais do que um perigo para o cidadão; trata-se de um perigo para toda a sociedade. Já se disse que o preço da liberdade é a eterna vigilância. Ocorre, por outro lado, que parte da culpa pelo desconhecimento da sociedade em relação ao espiritismo e seus princípios fundamentais cabe aos próprios espíritas, uma vez que de uma parte não apreende devidamente o conhecimento da doutrina e, de outra, não desenvolve um diálogo com a sociedade em nível eficiente.